



2004/02/01

QUESTÕES DE DEFESA NO CANADÁ

Alexandre Reis Rodrigues

São conhecidas, desde há muito, as dificuldades muito sérias com que se vêm debatendo as forças armadas canadianas. O principal problema tem sido um continuado sub-investimento, a oscilar entre os 7 e os 18% do orçamento na última década, logo muito abaixo do valor mínimo recomendado de 25%.

Com a tomada de posse, em 12 de Dezembro de 2003, do novo governo de Paul Martin, líder do partido Liberal, há agora algumas indicações de que o apoio ao sector da defesa, tão descurado por Jean Chretien, irá agora ser repostado ao nível anterior. O actual ministro da defesa e anterior chefe da Comissão Permanente de Defesa e dos Veteranos na Casa dos Comuns, David Pratt, anuncia mesmo o lançamento de um ambicioso programa de transformação das forças armadas através de um investimento prioritário nas altas tecnologias, na rápida resposta, na flexibilidade e na mobilidade. Diz o ministro: “Canada is going to focus on information superiority and precision firepower”; “transforming the Canadian military into a modernized force is critical if it is going to be relevant on the international scene”.

Pouco antes tinha sido tornado público um relatório elaborado por um conjunto de analistas de defesa, sob o título “Canada without Armed Forces?”. Nesse relatório chamava-se a atenção, principalmente, para a insuficiência da verba de 20 biliões de dólares canadianos então prevista para investimento nos próximos 15 anos. A maioria dos analistas considera que a verba necessária deveria ser de 50 biliões, porque a maior parte do equipamento e meios está a ficar obsoleta, quando muito, com um horizonte de utilização entre 5 e 10 anos, mas já em condições de reduzida relação custo-eficácia.

Foram identificados nessa situação os seguintes meios: os tanques “Leopard” do exército, os helicópteros navais “Sea King”, os CC-130 Hércules e as peças de artilharia auto-propulsionadas M-109. As necessidades de renovação de meios estendem-se, porém, aos destroyers da classe Iroquois, aos dois navios de reabastecimento e apoio logístico. A não substituição destes últimos, bem como a dos aviões Hércules, poderá pôr em causa, a partir de 2008, a parte central da capacidade de transporte marítimo e aéreo de forças.

O relatório recomenda ainda um crescimento do orçamento de 13 (orçamento de 2003/2004) para 18.5 biliões de dólares canadianos. O actual governo reconhece a necessidade de fazer aumentar o orçamento mas ainda não disse quando o fará. Entretanto, congelou todas as aquisições acima de 5 milhões de dólares canadianos, até que tenha revisto o conjunto de necessidades, o que se calcula possa demorar cerca de três meses [1]. Apenas ficou isenta deste processo a substituição dos helicópteros navais “Sea King”, um assunto que se arrastava há mais de 10 anos, mas que tem agora a mais elevada prioridade, com contrato previsto para o Verão deste ano, uma das primeiras decisões do novo governo (Programa de 3.1 biliões de dólares canadianos). Mesmo em relação à aquisição já prevista de 66 viaturas “Stryker”, que substituirão os tanques “Leopard”, o novo governo pretende antes rever toda a situação. A excepção no meio de todas estas dúvidas é o reconhecimento, já assumido pelo ministro da defesa de que o Canadá não deve deixar de se integrar no sistema de defesa anti-míssil americano.

Para ter um panorama completo sobre a previsível evolução das forças armadas canadianas haverá, portanto, que aguardar mais algum tempo para ver como se concretizarão as intenções de mudança que os actuais responsáveis têm procurado fazer passar, tanto interna como externamente.

Entretanto, segundo declarações do chefe do Estado-Maior da Defesa, general Ray Henault, não estarão em causa os apoios necessários para a conclusão dos compromissos assumidos em relação a intervenções no exterior, nomeadamente no Afeganistão, onde está empenhada presentemente uma força de 1.900 efectivos, desde Agosto de 2003, por um período de um ano (Task Force Kabul). Este contingente inclui um quartel-general de brigada, um agrupamento tático ao nível de batalhão, um elemento de apoio administrativo e logístico e um elemento de transporte aéreo (2 CC-130). O agrupamento tático, constituído à volta de um batalhão de infantaria, dispõe de uma unidade de reconhecimento incluindo veículos aéreos não tripulados, uma unidade de engenharia, polícia militar e assistência médica. Embora má e preocupante, como consensualmente admitido, a situação existente nem por isso impede esta importante contribuição.

[1] Aliás, a maioria dos projectos de investimento do governo estão a ser objecto de um rigoroso

escrutínio, tendo em conta as dificuldades porque passa a economia canadiana .